



Trajetórias profissionais de jornalistas fora do jornalismo no Brasil (2012-2017)

FELIPE SIMÃO PONTES

Professor dos Programas de Pós-Graduação em Jornalismo e de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da UEPG. Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, com pós-doutorado realizado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Coordena o Grupo de Pesquisa Jornalismo, Conhecimento e Profissionalização.

LUCAS SANTOS CARMO CABRAL

Mestrando em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Graduado em Jornalismo pela UEPG. Estudante de Iniciação Científica (2018-2019), recebeu bolsa em parte do período desta pesquisa pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Resumo

Com base em duas pesquisas de *online survey* realizadas em 2012 e 2017, foi realizado um estudo longitudinal quantitativo sobre as trajetórias de jornalistas, com ênfase nas características daqueles que desistiram da profissão. O estudo está circunscrito a um período de crises da profissão do jornalismo e do Brasil que afetou e afeta, direta e indiretamente os jornalistas. Ao se observar as respostas de 1233 jornalistas, identifica-se que 22% estavam fora da categoria em 2012. Esse número subiu para 38% em 2017. O artigo identifica alguns dos motivos que levam os jornalistas a saírem ou serem expulsos da profissão, considerando para isso dados sociodemográficos e sobre o trabalho nos dois períodos estudados.

Palavras-chave: Desprofissionalização; Jornalistas brasileiros; Trajetórias Profissionais.

Abstract

On the basis of two online surveys made on 2012 and 2017, a longitudinal quantitative study about journalists trajectory was made, focusing on the characteristic of those who gave up the profession. The study is circumscribed at a period of crisis on both the journalism profession and Brazil, which has affected and still affects, directly or not, the journalists. Looking at the answers of 1233 journalists, it can be seen that 22% was out of the category on 2012. This number has risen to 38% on 2017. This article identifies, using sociodemographic and work data from the mentioned period, some of the reasons that lead journalists to get out or get kicked out from the profession.

Keywords: Deprofessionalization; Brazilian journalists; Professional trajectory.

1. Introdução

A proposta deste artigo é estudar os efeitos das intensas transformações pelas quais passa o jornalismo contemporâneo sobre as trajetórias profissionais. Os jornalistas trabalham em um ambiente de flexibilidade e precarização, resultado de transformações econômicas, tecnológicas e políticas que estruturam o campo contemporâneo dos mídia.

Em 2012, o Brasil contava com cerca de 145 mil jornalistas, dos quais 60 mil trabalhavam em redações. Os demais ocupavam funções jornalísticas fora das redações, em empresas, governos, organizações sociais ou no ensino, estavam desempregados ou trabalhavam em atividades externas à profissão (MICK; LIMA, 2013).

A pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, em 2012, obteve 4215 respostas em um grande *survey online* (MICK; LIMA, 2013). Cinco anos depois, essas pessoas foram convidadas para responder a um novo questionário, agora na pesquisa “Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros (2012-2017)”¹. A enquete obteve a participação de 1.233 jornalistas. O instrumento permite observar reconfigurações de carreira impostas pelo cenário de crise que ocorreu no período, levando em conta as variações sociodemográficas (de gênero, faixa etária, identidade étnica, escolaridade ou local de residência), de atuação profissional e de posicionamento político-ideológico.

Parte-se do conceito de Becker sobre carreira profissional elaborado por Pereira (2011), considerando que “a partir da análise de experiências individuais é possível compreender como atores sociais negociam estatutos, normas e definem as formas de colaboração possíveis em um mundo social”. Esse conceito guarda relação com estudos como o de Strauss (2009) e Hughes (1984).

Cabe destacar que, mesmo com ênfase nos estudos qualitativos, as metodologias advindas da tradição da Escola de Chicago não ignoravam as técnicas quantitativas. O estudo de Park (1922) sobre a imprensa imigrante demonstra o uso extensivo de dados. Becker (1999), um crítico do modo como são feitos os *surveys*, não retira da técnica propriamente sua capacidade de trazer resultados pertinentes para as pesquisas. Sob esses aspectos, considera-se que os dados aqui apresentados não podem ser considerados como respostas finais aos questionamentos arrolados, mas como pistas pertinentes para perscrutar elementos da realidade e qualificar perguntas mais fundamentadas sobre os jornalistas.

A precarização e o processo de saída ou expulsão de jornalistas durante a carreira foram investigados anteriormente por Mick (2013). Porém, os dados de trajetórias dos jornalistas brasileiros permitem compreender melhor como e por que essas saídas ocorrem, se existe faixa etária ou condição na carreira específicas para a saída de jornalistas, sobre

¹ A pesquisa é coordenada por professores da Universidade Estadual de Ponta Grossa (Felipe Simão Pontes e Paula Melani Rocha) e da Universidade Federal de Santa Catarina (Jacques Mick e Samuel Pantoja Lima).

qual o impacto das crises para esse processo de exclusão que atinge 01 em cada 03 jornalistas entrevistados e foi explorado neste texto. Esse último movimento de pesquisa foi realizado por Mick e Estayno (2018), no mesmo período em que realizávamos este estudo. Ainda assim, compreendemos que os resultados apresentados aqui contribuem com análises não exploradas no artigo dos autores.

Este artigo parte das seguintes perguntas de trabalho: há diferenças de gênero, cor, idade e situação conjugal entre jornalistas que estavam fora do jornalismo em 2017 e os que estavam trabalhando? É possível oferecer algumas informações sobre regiões e estados brasileiros em que há maior proporção de sujeitos fora do jornalismo? Qual era a situação de emprego e renda em 2012 dos que estavam fora do jornalismo em 2017? Há correlações possíveis de se fazer entre a crise econômica, política e social do período e a saída da profissão? Ao lançar essas questões aos dados da pesquisa, algumas informações foram apreendidas como forma de colaboração para estudos que tenham como interesse a carreira de jornalista no Brasil.

2. Material e métodos

Para o desenvolvimento desta pesquisa, fizemos a revisão da literatura ligada à sociologia das profissões e do trabalho, principalmente os estudos sobre profissionais jornalistas e processos de desprofissionalização. A análise foi feita através dos dados da pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro” (MICK; LIMA, 2013) em comparação com os dados da pesquisa “Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros – 2012-2017” (PONTES; MICK, 2018).

Tomamos como base temporal os dados sociodemográficos obtidos pela pesquisa “Perfil do Jornalista Brasileiro”, um *websurvey* aplicado de setembro a novembro de 2012 e que obteve 4.215 respostas válidas, com respondentes de todos os estados e de fora do país, e que consolidou resultados proporcionais a toda categoria com amostra de 2.791 jornalistas (MICK; LIMA, 2013). “A pesquisa de campo foi concluída seis meses antes das manifestações de junho de 2013; foi, assim, a última grande investigação sociodemográfica sobre jornalistas antes da crise brasileira” (PONTES; MICK, 2018). Cinco anos depois, no segundo semestre de 2017, foi realizado um novo questionário, com perguntas aos 4.215 respondentes de 2012. O campo ocorreu de 16 de novembro a 14 de dezembro e obteve

1.233 respostas válidas, com o objetivo de verificar as trajetórias de jornalistas no período de crise.

A pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros utilizou apenas o e-mail como instrumento de coleta, tendo o software de pesquisa on-line *Survey Monkey* como gerenciador. Como todos os respondentes da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro de 2012 registraram e-mail válido de contato, cada questionário foi validado pelo e-mail de contato pelo qual os respondentes receberam o link para a pesquisa.

Os dados da pesquisa de Trajetórias Profissionais, diferente da pesquisa Perfil do Jornalista Brasileiro, não pode ser generalizada para toda categoria, uma vez que se trata de um estudo longitudinal quantitativo, que analisa carreira. Quer dizer, os 1233 respondentes são estudados em dois momentos distintos da carreira (intervalo de cinco anos), revelando aspectos comparativos que oferecem informações sobre jornalistas que já trabalhavam ou se consideravam jornalistas em 2012.

Com base nesses dados, este artigo realizou a análise de informações sociodemográficos e de trabalho dos jornalistas que saíram da mídia, de empregos de assessoria ou de docência no período analisado ou que se mantiveram fora em 2012 e 2017. Dentre os 1233 participantes, 463 não estavam em nenhum dos empregos do jornalismo em 2017. Para a análise, utilizamos o software *SPSS* versão 23 e o *GNU PSPP*, alternativa livre ao *SPSS*, com vistas a analisar conjuntamente e linha a linha as respostas de cada respondente participante da pesquisa.

3. Resultados e discussão

Para que fique mais fácil a compreensão dos dados que serão apresentados a seguir, é importante recuperar o perfil geral dos 1.233 jornalistas que responderam aos questionários. Dentre eles, 754 são mulheres (61,2%) e 479 são homens (38,8%). A maior parte deles, estava na faixa de 26 a 30 anos de idade (27,7%) em 2017, seguidos diretamente pela faixa dos 31 aos 35 anos (27,4%) e dos 36 aos 40 (14,3%). Na questão racial, 73,1% declararam-se brancos, 19,9% pardos e 4,4% pretos. Dos respondentes, em 2017, 32,9% estavam casados e 19,9% em união estável. Isso soma 52,8% das respostas. Em 2012, essa proporção era menor, uma vez que 33,8% encontravam-se casados ou em união estável (PONTES; MICK, 2018).

Dos 463 jornalistas que estavam fora de todas as funções do jornalismo em 2017, 39,74% já estavam nessa situação em 2012. Ou seja, 60,26% dos dados aqui analisados são de jornalistas que, por algum motivo, trabalhavam em 2012 e estavam fora da profissão em 2017.

A maior parte dos jornalistas que estava fora do jornalismo em 2017 tinha de 31 a 40 anos de idade, com 38,88% do total, enquanto 36,50% tinham entre 23 e 30 anos de idade. Nos dados gerais, o número é parecido, mas a porcentagem de jornalistas que têm entre 23 e 30 anos diminui aproximadamente 6% nos dados gerais. Ou seja, a proporção de jornalistas entre 23 e 30 anos que estão fora do jornalismo é maior do que a dos que estão dentro, conforme atesta o gráfico 1.

Nos gráficos que ilustram os dados, as barras completas mostram a porcentagem que determinada fatia representa nos dados gerais da pesquisa de trajetórias. As barras são divididas em uma parte azul, que ilustra aqueles jornalistas que estão em alguma das atividades da profissão (na mídia, em assessoria ou em docência), e uma parte vermelha, que representa os jornalistas que saíram da profissão, principal foco deste trabalho. Tal representação permite a visualização dos dados gerais ao mesmo tempo em que é possível perceber as proporções dentro de cada uma das fatias e ter noção do que tais proporções significam no escopo ampliado.

Proporcionalmente, a faixa etária que mais agrega jornalistas fora da profissão é a de acima de 64 anos, que também é a faixa que possibilita a aposentadoria, com 53,9% dos jornalistas fora da profissão. A única faixa etária que chega perto dessa proporção, é a de jornalistas de 23 a 30 anos, uma vez que 45,43% dessa faixa etária está fora da profissão. A proporção nas demais faixas etárias não passa dos 35%. A exclusão de jornalistas é maior entre os mais jovens, o que revela a dificuldade de inserção e manutenção do emprego na faixa etária de 23 a 30 anos. Ao observar o gráfico 1, pode-se observar que, para além da faixa etária acima dos 64 anos de idade - que podemos considerar como uma faixa de aposentadoria - quanto mais jovem, maior a proporção de jornalistas fora da profissão.

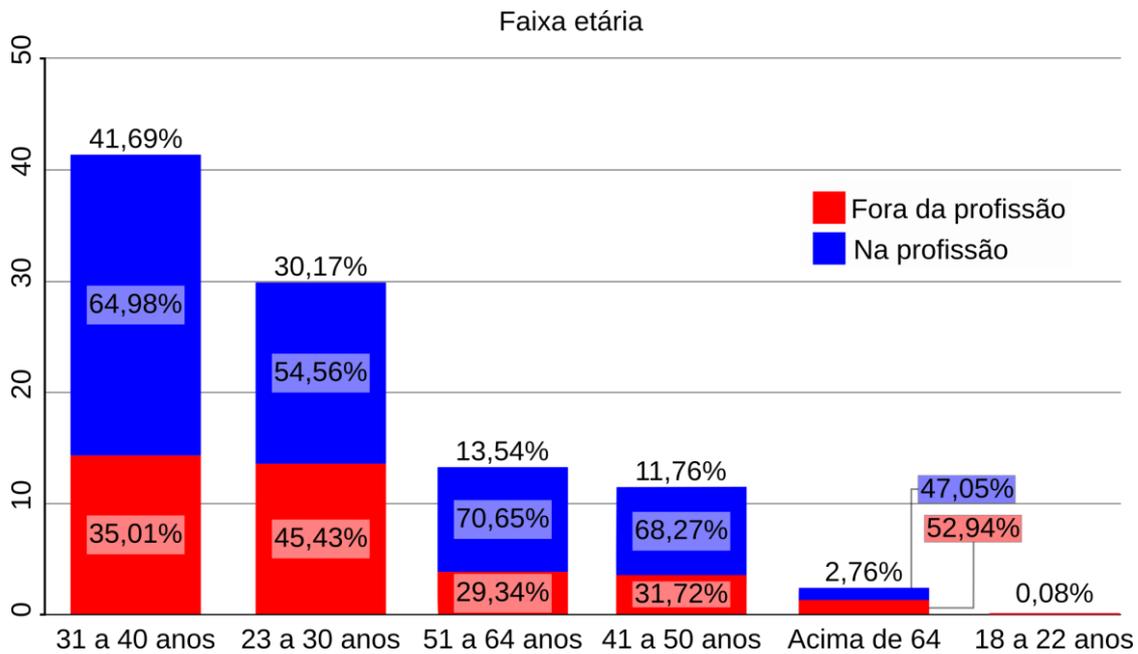


Gráfico 1: Jornalistas fora da profissão por faixa etária

Fonte: Pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros

Org: os autores

Ao tomar a informação quanto ao sexo (Gráfico 2), as mulheres são maioria tanto nos dados gerais, quanto nos dados dos jornalistas que saíram da profissão. Porém, quando nos aprofundamos nos dados, percebemos-se que as mulheres saem mais da profissão. Informação que confirma diagnóstico acerca das jornalistas brasileiras presente em Pontes (2017). Cerca de 40% das mulheres estavam fora do jornalismo em 2017. Dentre os homens, 34% estavam fora do jornalismo. Na questão de cor/raça as proporções permanecem praticamente as mesmas nos dados gerais e nos que saíram do jornalismo. Isso pode significar que as limitações para pretos e pardos no Jornalismo acontece em momento anterior, ainda no acesso a graduação.

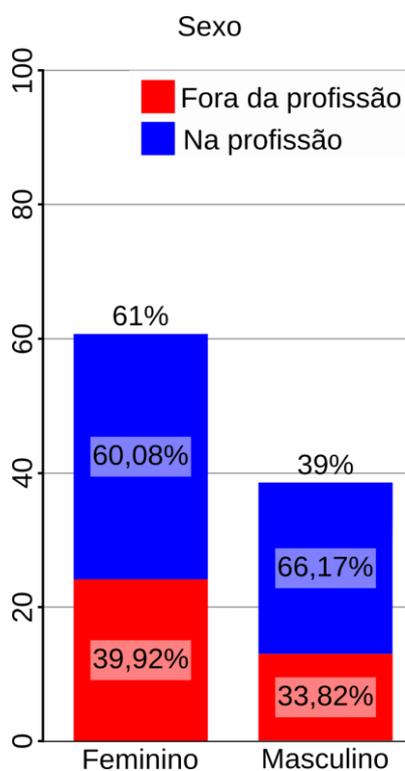


Gráfico 2: Proporção de Jornalistas fora da profissão por sexo

Fonte: Pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros

Org: os autores

Os dados sobre a situação conjugal das duas enquetes nos levaram a considerar a hipótese de que haveria uma tendência do jornalista sair da profissão quando passa a constituir família, visto que isso exige uma solidez financeira que pode não ser proporcionada pelas atividades do jornalismo, especialmente, em momentos de crise. Porém, os dados não confirmaram esta hipótese, pois não se identificou diferenças significativas entre o grupo dos respondentes fora do jornalismo e os dados gerais.

Quanto à região (Gráfico 3), o Sudeste, região que mais abriga jornalistas da pesquisa, é também onde, proporcionalmente, mais respondentes estão fora da profissão. Isso pode ser causado pela grande quantidade de profissionais que busca uma carreira nos grandes centros, como São Paulo ou Rio de Janeiro, além de um possível indicativo de saturação do mercado. O Sudeste é a única região em que a proporção de respondentes que está fora da profissão ultrapassa os 40% e chega em 41,2%.

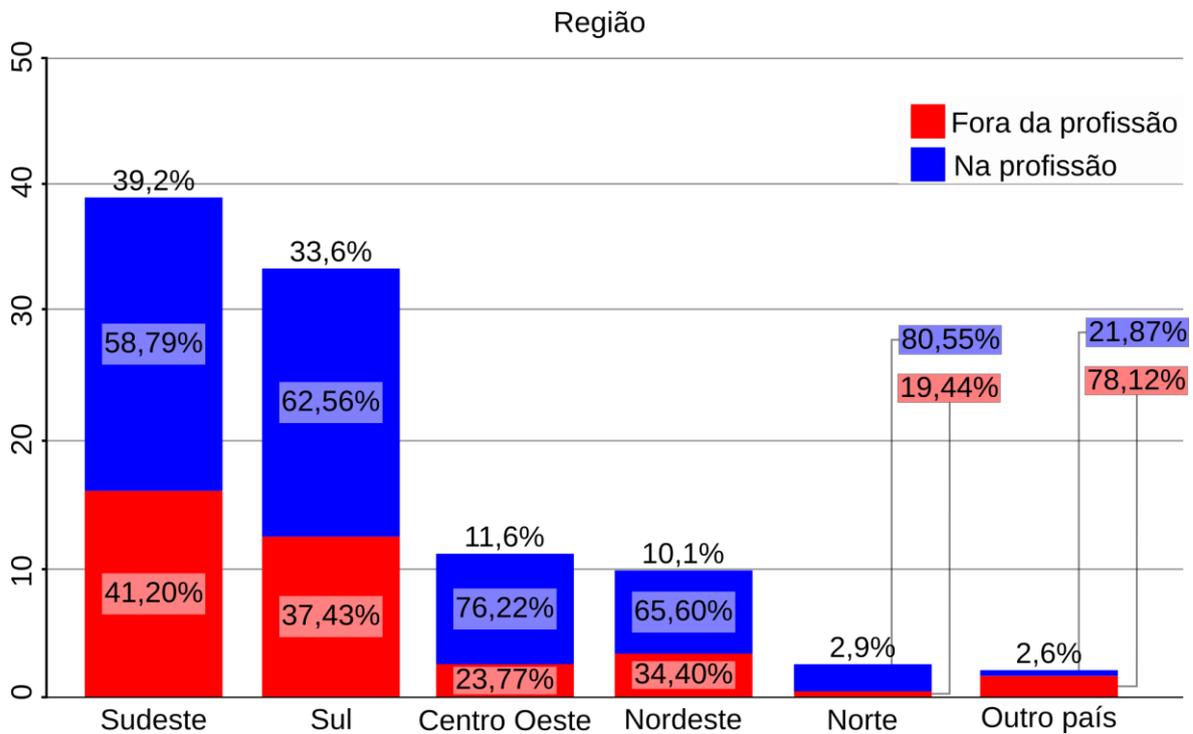


Gráfico 3: Proporção de jornalistas fora da profissão por região

Fonte: Pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros

Org: os autores

Para descobrir se realmente São Paulo e Rio de Janeiro, como previamente indicado, concentram a maior parte dos jornalistas fora da profissão, buscamos os dados mais específicos. Os dois estados agregam 76,38% dos 199 respondentes fora da profissão do Sudeste. Porém, isso se repete nos dados gerais. Por isso, observamos quais são os estados onde, proporcionalmente, os profissionais estão fora da profissão em maior porcentagem (Gráfico 4).

De certa forma, o dado se confirma, pois 39,4% dos jornalistas participantes da pesquisa do estado de São Paulo estavam fora da profissão em 2017. No Rio de Janeiro, este número chega a 40%. Todavia, vale destacar que alguns estados superam essa estatística. O estado com maior proporção de profissionais fora do jornalismo dentre os respondentes é a Bahia, com 52,94%. Em segundo lugar, ficam empatados Pernambuco e Rio Grande do Norte (com 50%). Logo após, vem o Espírito Santo, com 47,62%, seguido por Minas Gerais, com 46,25%. Ambos no Sudeste. Outro estado com grande proporção de profissionais fora da profissão é Santa Catarina, onde o número chega a 39,8%.

Ou seja, São Paulo e Rio de Janeiro concentram uma proporção alta de jornalistas excluídos do campo dentre os respondentes, mas o restante do Sudeste também traz porcentagens altas. Minas Gerais e Espírito Santo possuem altas proporções, ficando atrás apenas da Bahia, Rio Grande do Norte e Pernambuco no ranking dos estados que possuem a maior proporção de profissionais fora do jornalismo. Destaca-se que três estados do Nordeste detêm maior proporção de respondentes excluídos da profissão. Outro dado importante, oito estados têm média superior à nacional (37,6%) quanto aos respondentes fora da profissão.

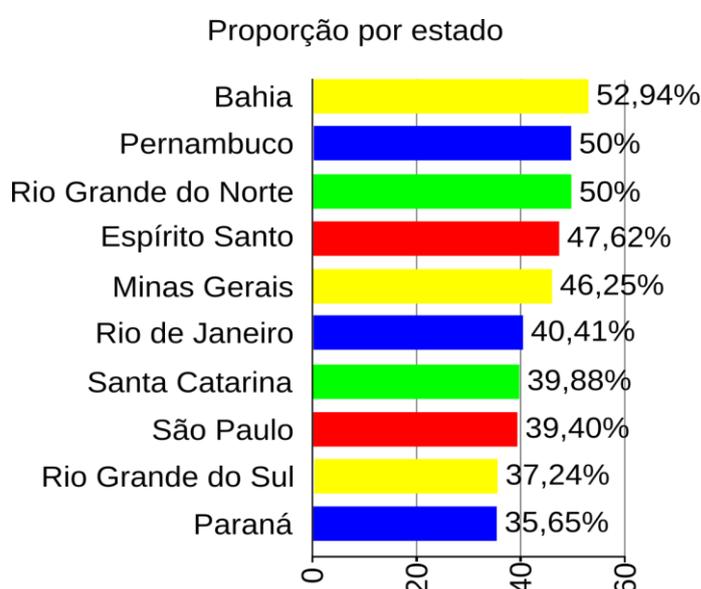


Gráfico 4: Estados com maior proporção de jornalistas fora da profissão

Fonte: Pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros

Org: os autores

A tabela 1 demonstra, por sua vez, que a saída do jornalismo guarda progressiva relação com o salário dos respondentes em 2012. Os sujeitos que estavam fora do jornalismo em 2012, em sua maioria permaneceram nessa situação em 2017. Aqueles que percebiam até dois salários mínimos também tenderam mais estar fora da profissão em 2017. A situação de permanência tende a melhorar conforme maior percepção salarial. Ainda assim, percebe-se uma saída significativa de profissionais com mais de 10 salários mínimos, principalmente os com mais de 20 salários (sete, de 22 indivíduos nesta situação salarial estavam fora em 2017, o que corresponde a 31,8%).

	Geral n=1233	Fora n=271	-1 n=41	1 a 2 n=81	2 a 3 n=139	3 a 4 n=160	4 a 5 n=158	5 a 10 n=236	+ 10 n=121
--	-----------------	---------------	------------	---------------	----------------	----------------	----------------	-----------------	---------------

Fora do Jornalismo	37,6	68,0	58,5	42,0	33,1	31,9	31,0	16,5	21,5%
--------------------	------	------	------	------	------	------	------	------	-------

Tabela 1: Situação salarial em 2012 entre os respondentes fora do jornalismo em 2017

Fonte: Pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros

Org: os autores

Quanto a quantidade de fontes de rendas (Gráfico 5), dentre os 463 profissionais fora da profissão aqui estudados, diminuiu em 10% a quantidade de respondentes que possuíam somente um emprego. Aumentou em aproximadamente 10% aqueles que não possuem nenhum emprego e em 5% os que atuam como *freelancer* em atividades não jornalísticas. Esse dado nos mostra que a tendência para aqueles que saem do jornalismo é o desemprego ou o trabalho “não fixo”, como *freelancer*.

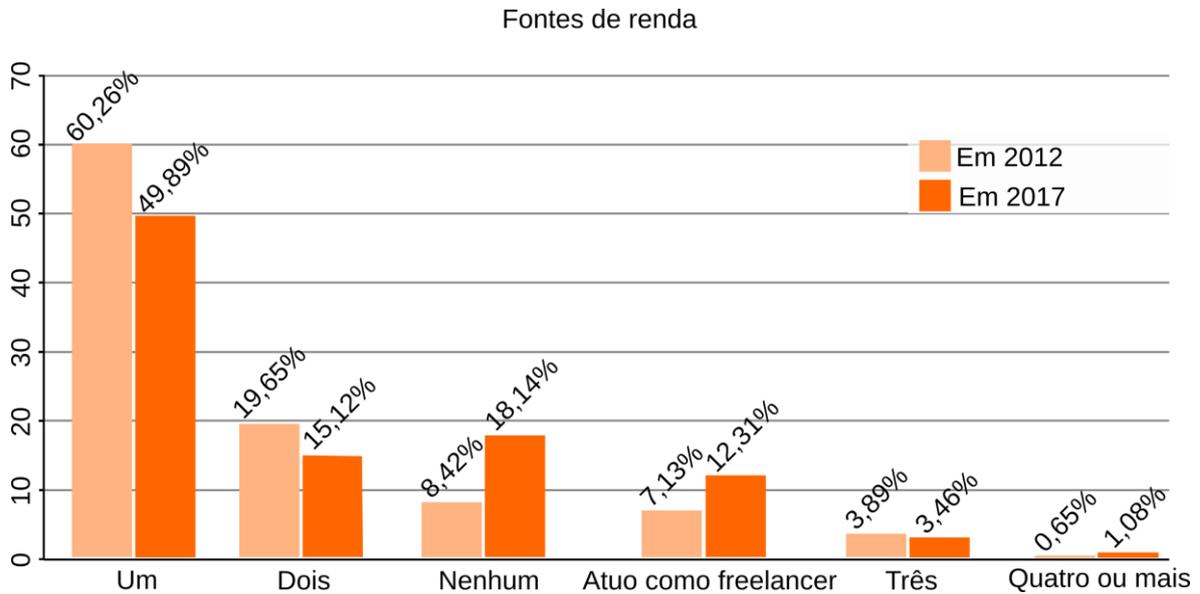


Gráfico 5: Comparativo da quantidade de fontes de renda em 2012 e 2017 apenas dos respondentes fora do Jornalismo

Fonte: Pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros

Org: os autores

Dos jornalistas que estavam fora da profissão em 2017, a maior parte, 54,65%, estava empregado em outra profissão não jornalística (Gráfico 6). O segundo maior número é o de jornalistas desempregados, chegando a 21,6% dos 463 que estão fora do campo, seguido de 15,12% que estavam estudando em 2017. Significa afirmar que os jornalistas tendem a buscar ou ser recrutados para outra atividade, fora do jornalismo.

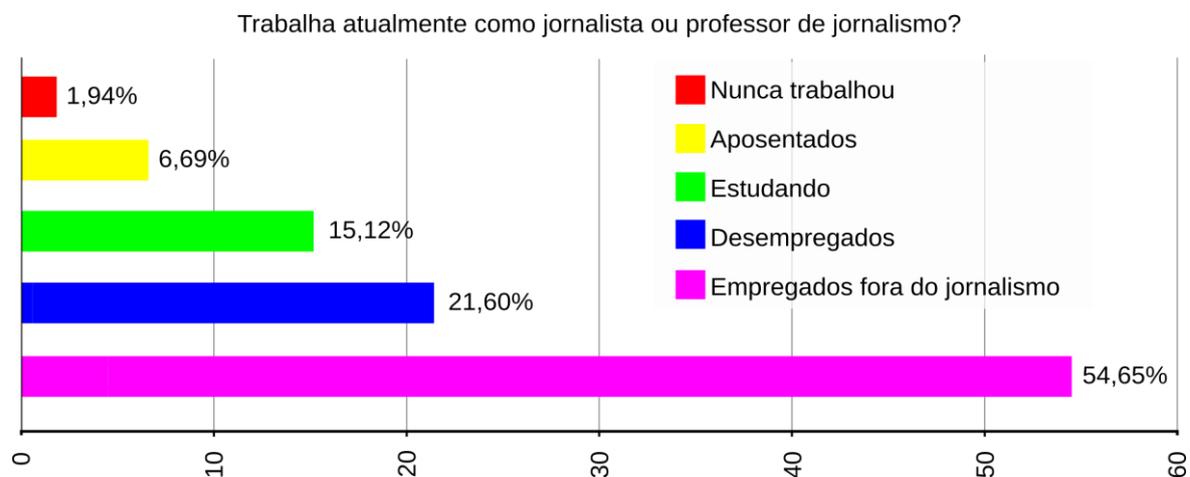


Gráfico 6: Situação dos jornalistas que estavam fora da profissão em 2017

Fonte: Pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros

Org: os autores

Dos respondentes que saíram do jornalismo, 29,59% estiveram na profissão por entre 2 a 5 anos (Gráfico 7). Nos dados gerais, esse mesmo período representa 18,98%. Este dado dá indícios de que os jornalistas que estão no início da carreira têm mais chances de sair do campo. Entre os jornalistas que trabalharam até 1 ano na área, 90% estavam fora da profissão em 2017. O dado também revela que os jovens profissionais enfrentam dificuldades de inserção no mercado de trabalho.

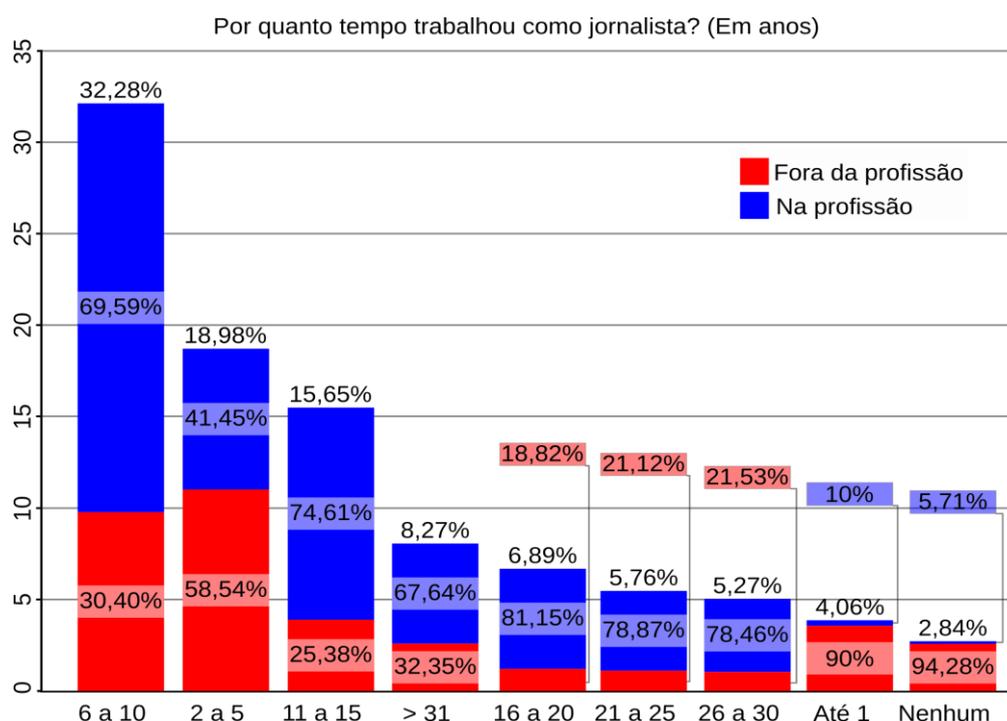


Gráfico 7: Anos de trabalho e situação na profissão

Fonte: Pesquisa Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros

Org: os autores

Olhamos também para as questões sobre a crise, que revelam um dado interessante. Foi solicitado aos participantes avaliarem se a crise causou impactos nas seguintes dimensões: autonomia profissional, remuneração, estabilidade no emprego, benefícios não salariais, progressão na carreira, jornada de trabalho, multifuncionalidade e tamanho da equipe. Os respondentes poderiam indicar se a crise não afetou, afetou pouco, afetou ou afetou muito cada uma das dimensões. Em todas as questões realizadas, a porcentagem de respondentes que declara ser mais afetada pela crise é maior entre os jornalistas fora da profissão. Da mesma forma, a taxa de respostas que revela grande impacto da crise, “afetou muito”, são sempre maiores entre os profissionais fora do campo. Na questão “A crise afetou estabilidade no emprego?”, por exemplo, 35,64% dos jornalistas fora da mídia dizem que afetou muito, contra 24,39% nos dados gerais. Informações que reforçam a tese de que há correlações possíveis de se estabelecer (especialmente a partir de pesquisas mais densas) entre a crise e a saída do jornalismo. Revelam também que a percepção sobre a crise e seus impactos é mais forte naqueles que perderam ou mudaram seus empregos do que naqueles que se mantiveram dentro de uma das carreiras do jornalismo no Brasil (jornalistas de mídia, assessores e professores de Jornalismo).

4. Conclusões

A análise dos dados disponíveis permite uma compreensão das características sociodemográficas e de trabalho dos indivíduos que desistem ou são forçados a desistir do jornalismo e também permite melhor entendimento da dinâmica da profissão.

Os dados da pesquisa de Trajetórias Profissionais dos Jornalistas Brasileiros indicam a dificuldade de inserção no mercado de trabalho dos jovens e uma maior exclusão das mulheres do campo. Não houve diferenças significativas entre os que estão fora do jornalismo e os demais respondentes quanto à cor/raça e situação conjugal. Os dados também indicam que a região Sudeste tem maior proporção de respondentes fora do jornalismo, ainda que os estados da Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Norte sejam, proporcionalmente, os que apresentem maior êxodo profissional.

Os jornalistas com salários mais baixos tendem a sair mais da profissão. E a maior parcela desses profissionais, muito qualificados, está em trabalhos fora das atividades comumente exercidas por jornalistas no Brasil. Mesmo fora do jornalismo, a situação tende a indicar precariedade, pois muitos desempenham atividades como *freelancer* ou tem duas ou mais fontes de renda.

Outro fator que reforça nossos embasamentos é o papel que a crise econômica e midiática teve sobre o jornalismo no período. Trata-se de dados que enriquecem a discussão sobre as carreiras dos jornalistas e o conhecimento maior sobre os caminhos percorridos pelos indivíduos na consolidação de suas identidades profissionais.

Referências Bibliográficas

BECKER, Howard. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

FIGARO, Roseli (org); NONATO, Cláudia; GROHMANN, Rafael. **As mudanças no mundo do trabalho dos jornalistas**. São Paulo: Atlas, 2013.

HERSCOVITZ, Heloíza; CARDOSO, Adalberto. **Brazilian Journalist**. In: WEAVER, D (Org). *The global journalist: News people around the world*. New York: Hampton Press, 1998. p. 417-432.

HUGHES, Everett. **The Sociological Eye: selected papers**. Nova York: Routledge, 1984

LEITE, Aline Borghi. **Profissionais da mídia em São Paulo: um estudo sobre profissionalismo, diferença e gênero no jornalismo**. Tese (Programa de PósGraduação em Ciências Sociais). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

LOPES, Fernanda Lima. **Ser Jornalista no Brasil: identidade profissional e formação acadêmica**. São Paulo: Paulus, 2013.

MELLADO, Claudia, LAGOS, Claudia, MOREIRA, Sônia. **Comparing journalism cultures in Latin America: The case of Chile, Brazil and Mexico**. *Gazette*, v. 74, n. 1, p. 60–77, 2012.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do Jornalista Brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Florianópolis: Insular, 2013.

MICK,J; ESTAYNO, S. **Jornalistas na crise: as carreiras interrompidas na mídia e a estrutura dual da profissão (2012-2017)**. In: **Anais do 16º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo**, São Paulo, 2018, p. 1-18.

PARK, Robert. **The Immigrant Press and its control**. Chicago: Harper and Brothers, 1922.

PEREIRA, F. H.. Possibilidades de aplicação do conceito de carreiras profissionais nos estudos sobre jornalismo. In: XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom, 2011, Recife. **Anais do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom**, 2011. p. 15p.

PEREIRA, F. H.. Três estatutos, uma identidade. Comparação das carreiras profissionais de jornalistas, assessores de imprensa e professores de jornalismo em Brasília. In: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2013, Brasília. **Anais...** Brasília: SBPJor, 2013. p. 19p.

PEREIRA, F. H.. Os estágios e a construção da carreira jornalística. In: 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2015, Campo Grande. **Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**, 2015. v. 13. p. 16 p.

PONTES, Felipe S. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. **E-Compós**, Brasília, DF, v. 20, n. 1, p. 1-15, jan./jul. 2017. DOI: 10.30962/ec.1310

PONTES, F.; MICK, J. Crise e mercado de trabalho: trajetórias profissionais de jornalistas no Brasil (2012-2017). jun./2018. **Anais do XXVII Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte-MG.

STRAUSS, A. L. Espelhos e Máscaras: uma introdução ao interacionismo. São Paulo: Edusp, 2009.